



Aldeãs romanas junto de uma fonte

Quadros da natureza daquelles que a nossa estampa representa, enternecem sempre o espectador, e maiormente o homem sensível que trazer á lembrança o famoso passo da Escripura relativo á Samaritana:

— «Ora ali havia um poço, chamado a fonte de Jacob. Fatigado pois do caminho, estava Jesus assim sentado sobre a borda do poço...

— «Veio uma mulher de Samaria a tirar agoa. Jesus lhe disse: Dá-me de beber.» —

Nos climas ardentes tem mais encantos as scenas que ora reproduzimos. As fontes concorrem as raparigas aldeãs, trazendo, ora pendurados dos braços, ora firmes nas cabeças, os vasos em que vêm buscar agoa; e é ali que passam donosos instantes, entretendo-se umas com as outras em fallar de amores, em trocar noticias, em murmurar das visinhas ausentes, em exercitar a irresistivel disposição que as move a quebrar a todo o instante o silencio. — A scena toma consideravel animação, quando chega um individuo do sexo masculino, e maiormente ainda moço, — ou quando alguém ali conduz algum animal que vem saciar a sede no tanque visinho á fonte.

Referindo-nos mais particularmente á nossa estampa, observaremos que nos estados romanos se encontram ainda fontes do tempo dos antigos dominadores do mundo. É facil de perceber que essas construcções, embora já arruinadas, datam de muitos seculos, e viram ao pé de si talvez muitos personagens, de que a historia registrou os nomes. — Algumas dessas fontes receberam som-

bra, apetecida sombra de frondosas e bellas arvores, que dão amenidade áquelle classico ponto de reunião de folgazãs camponesas.

A nossa estampa, reproduzindo o typo de esbeltas raparigas, e os seus pinturescos trajos, deixam-nos bem perceber o ar descuidoso com que ellas se entretêm nas praticas entre si, ou seismam nos seus amores, e se esquecem por muito tempo dos cuidados e lidas que as estão aguardando nas suas moradas. Ainda bem que ao menos, de vez em quando, encontra a creatura humana um pequeno allivio, um rapido intervalo de contentamento, que por ventura compensam por um pouco a monotonia ou os dissabores da vida!

### PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 333)

Em outro tempo o alto clero importava-se pouco com os subordinados que enviava para as aldeias, e, enquanto a sciencia, os ecclesiasticos ruraes não tinham ao seu dispôr senão algumas phrases latinas muito obscuras para elles mesmos. Esta situação não mudou, devemos dizel-o, e se a influencia do padre persiste, isso é devido muito mais á força do habito do que á superioridade intellectual. Existem muito poucas escolas ecclesiasticas. Educados, em geral, num modesto ly-



ceu, os jovens levitas levam uma vida livre, e, muitas vezes, licenciosa. Quando entram no seminário, se entram (porque podem ser ordenados sem passar por isso) curvam-se, sem duvida, a uma certa disciplina; mas não podem modificar os instinctos que a sua vida de externos já desenvolveu.

Ha muitos annos que a Universidade de Coimbra fornece padres duma superioridade incontesteavel em relação aos que saem dos seminarios. É isso natural; a educação do padre, ali menos especial, permite-lhes partilharem as idéas dos seus collegas, dos quaes nada os separa; conhecem a emulação, e iniciam-se nas necessidades da sociedade. Quando, formados doutores em direito canonico ou em theologia, entram nas ordens, levam ao exercicio do seu ministerio uma independencia de pensamento que em outra parte se não encontra.

Se outr'ora na sociedade civil penetrou muito o elemento clerical, toma ella actualmente a desforra. A despeito de todos os protestos episcopaes, occupa-se, dum modo muito activo, dos negocios religiosos; as dignidades ecclesiasticas estão muitas vezes a concurso, e juizes profanos são chamados a darem a sua opinião sobre o merito dos concorrentes. É bom ou máo? Em todo o caso a tendencia para fazer desaparecer as barreiras que separam o padre da vida commum existe. Um tal movimento não se podia manifestar sem que se produzissem violentas opposições: ainda subsistem muitos restos dos bons tempos de outr'ora; toda essa gente se reune e lucha para salvar uma organização que se perdeu por sua propria culpa. Braga parece estar sendo o centro de acção dessas impotentes saudades; ali, alguns velhos fidalgos, lesados nos seus interesses, vieram misturar as suas récriminações com os queixumes dos conegos. Braga é uma cidade muito bem escolhida para a propaganda. Situada numa parte montanhosa da provincia do Douro, isolada no centro de populações cujo fanatismo ainda não perdeu o seu ardor, dir-se-hia que esta cidade continua a sujeitar-se ao imperio das idéas que florescia em 1828, quando as massas se deixavam conduzir ao grito de *viva a religião!* Esse grito não perdeu ainda toda a sua força, ergue-se ás vezes e consegue galvanisar as populações. Em 1862 rebentava em Braga uma insurreição militar; frouxa ao principio não adquirio importancia senão quando, vendo-se abandonada, soltou o grito sacramental, sem ter idéa do que fazia. O perigo não era grande, porque os revoltosos, embaraçados com a sua victoria, tentaram arrastar o paiz e não conseguiram mais do que debandar sem lucha logo que se affastaram do quartel-general da sua insurreição. Até hoje, e isso não deixa de ter um certo comico, ainda se não pôde descobrir qual era o pretexto bom ou máo desse pronunciamiento.

Terminamos com este quadro animado e pittoresco, ainda que em alguns pontos inexacto, da situação do clero portuguez, o extracto que fize-

mos do artigo, até certo ponto notavel, do sr. V. de Mazade. O escriptor francez consagra ainda um capitulo ao estudo economico do nosso paiz, mas essas considerações, demasiadamente aridas, tornariam, para os leitores do *Panorama*, fastidiosa a leitura dum artigo, de que procurámos extrair as partes mais curiosas.

É, em geral, benevolo o viajante francez, e procura sempre guiar-se pelas melhores informações, comtudo, não vae por si mesmo ao fundo das coisas, e o seu artigo, ainda que, em muitos pontos, exacto, tem uma superficialidade em que os leitores da *Revista dos dois mundos*, apesar de ignorarem as nossas coisas, por força reparariam.

Observamos, alem disso, no sr. V. de Mazade, uma certa tendencia para generalisar os factos que observa aqui ou além, e para deduzir uma theoria generica duma circumstancia observada acidentalmente. Assim, para não irmos mais adiante, como encontra quatro ou cinco pessoas vivendo em hospedarias, suppõe que é esse o costume geral, e que os lisbonenses não tem lar domestico. É esse o defeito habitual nos viajantes que substituem os estudos pelas impressões, e que fallam num paiz do mesmo modo que o percorrem, *à vol d'oiseau*. Ainda assim Deus nos depare sempre, a nós, tão calumniados ou tão desprezados lá fóra, viajantes dotados de tão sympathica benevolencia pelas nossas coisas como a que o sr. V. de Mazade a cada passo revela.

M. PINHEIRO CHAGAS.

### LEIBNITZ. (1)

(Duas palavras acerca da vastidão do seu espirito)

Leibnitz é um dos homens mais instruidos, mais vastos, mais profundos, que hão illustrado a humanidade.

O distincto allemão que escreveu a historia da philosophia, Tennemann (2), disse a respeito de Leibnitz: «Tudo quanto merece occupar o pensamento era do dominio deste genio vasto e original, e principalmente as mathematicas e a philosophia; nenhum ramo porem dos conhecimentos humanos lhe era estranho.»

Este elogio, exprimido de um modo tão sentencioso, e em termos tão precisos, apresenta-nos immediatamente em perspectiva a vastidão immensa do espirito de Leibnitz, e nos descobre a poderosa intelligencia de um homem privilegiado, que percorre senhoril e sobranceiro toda a esphera da intelligencia. Mas, as compassadas palavras de Tennemann, valiosa apreciação philosophico-historica, não fallam á nossa imaginação meridional: deixam-nos certificados da existencia de um homem extraordinario; mas não

(1) Escrevo deste modo o nome do illustre sabio allemão, por que assim se encontra geralmente escripto. — Devo, porém, notar que M. Charles de Rémusat, da Academia Franceza, escreve: *Leibniz*, dando a explicação de que segue a orthographia mais correcta do mais recente editor das obras do mesmo sabio allemão. — M. Charles de Rémusat refere-se a M. A. Foucher de Careil, que havia começado a publicar uma nova edição, com este titulo: — *ŒUVRES DE LEIBNIZ publiées pour la première fois d'après les manuscrits originaux*. —

(2) Tennemann escreveu a *Historia da Philosophia*. Dessa obra fez elle proprio um resumo, que depois foi traduzido em francez por Victor Cousin, com o titulo de: *Manuel de l'histoire de la Philosophie*. — Tennemann nasceu em 1761, e morreu em 1819.



nos apresentam uma imagem grandiosa, que faça apparecer diante de nós um vulto brilhante.

Um escriptor francez vae exprimir-nos, com a vivacidade propria do genio da França, a impressão entusiastica que um homem como Leibnitz produz muito naturalmente:

=Quando o homem se reconcentra em si com simplicidade, afflige-se e consterna-se, ao ver a sua fraqueza, ao reconhecer o seu *nada!* Uma irremediavel *falta de poder* o condemna, quando quer chegar a ser notavel em alguma cousa, a dar de mão todas as outras, e a reunir, como disse um conquistador, todas as suas forças em um determinado ponto. — Todavia, lá de tempos a tempos, apparecem alguns homens, que nos consolam e como que nos indemnizam desta humilhação! Quando um LEIBNITZ, em presença do mundo physico e moral, responde a tudo, e pelo seu proprio genio é bastante para satisfazer cabalmente ao que é real... a humanidade póde ensoberbecer-se, e exclamar com orgulho: *Ecce homo!* = (3)

Leibnitz nasceu em Leipzig no anno de 1646, e morreu no Hannover, no anno de 1716.

Seu pae, Frederico de Leibnitz, professor e cancellario da Universidade de Leipzig, lhe deixou um rica bibliotheca, na qual fez o filho, depois dos primeiros estudos, uma amplissima colheita de conhecimentos, lendo os poetas, oradores, historiadores, jurisconsultos, theologos, philosophos, mathematicos. Nenhum dos ramos das lettras e das sciencias despresou na sua lição; e, graças ás suas poderosas faculdades intellectuaes, graças á sua profunda meditação, viagens, e tracto com os homens mais sabios do seu tempo na Allemanha, na França, na Italia, na Inglaterra... logrou tornar-se universal, encyclopedico...

O rei de Inglaterra lhe chamava o seu *diccionario vivo*, e assim merecia ser appellado o homem, que nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII mais se distinguia entre os europeus pela vastidão dos conhecimentos, pela largueza da esphera intellectual.

Por effeito da alta reputação que Leibnitz chegou a grangear, uns poucos de soberanos lhe conferiram cargos, honras e pensões: o Eleitor Ernesto Augusto, o Eleitor de Mayence, o duque de Brnswick-Luneburgo, o Czar, o Imperador da Allemanha. Luiz XIV quiz tambem, mas em vão, por meio de vantajosas proposições, fixal-o em França. (4)

Por inspiração de Leibnitz foi fundada em 1707 a Academia das Sciencias de Berlin; e foi o proprio Leibnitz o primeiro presidente desta corporação sabia. Ainda hoje ha uma sessão solemne da mesma Academia no dia 3 de Julho de cada anno, anniversario de Leibnitz. (5)

O Czar, Pedro, o Grande, o vio em Torgaw no anno de 1711; fez-lhe um presente magnifico, e lhe deu o titulo de seu conselheiro privado de justiça com uma pensão consideravel.

(3) *Introduction général à l'histoire du droit. Par M. E. Lermier.*

(4) Encontro escripto que, por occasião da viagem de Leibnitz a França, se fez todo o empenho em o fixar naquello reino; propunham-se-lhe muitas vantagens, com a condição de deixar o lutheranismo; mas que Leibnitz, apesar da sua indiferença em materia de religiões, não quizera aceitar aquella condição.

(5) Refiro a noticia relativa á sessão solemne pelo anniversario de Leibnitz, fundando-me no artigo — *Corps Savants* — do *Dictionnaire Général de la Politique* — par M. Maurice Block.

— Na *philosophia* deixou Leibnitz assignalado o seu nome. Do mesmo modo que Spinoso, e Malebranche, desenvolveu Leibnitz o pensamento de Descartes, mais satisfactoriamente, porem, do que os dois primeiros; restabeleceu a voga da historia da *philosophia*; fez resurgir o eclectismo que Platão praticára, que Aristoteles analysou e constituiu, e que a escola de Alexandria alargou excessivamente; estudou melhor do que Descartes a intelligencia humana, e demonstrou a authoridade da rasão; e, finalmente, se, como Descartes não abrio uma era *philosophica*, colheu ao menos da revolução operada pelo philosopho francez os fructos mais excellentes — que essa revolução famosa podia produzir. A *hypothese da harmonia pre-estabelecida*, e a *philosophia das monadas*, são characteristics do *systema* de Leibnitz. (6)

— Na *jurisprudencia* deixou tambem Leibnitz assignalada a sua passagem. Ninguem, melhor do que elle, penetrou o espirito do direito romano, encareceu o merecimento dessa obra prima da sabedoria antiga, apregou os seus louvores; mas tambem outro nenhum sabio apresentou mais judiciosamente e com maior precisão os defeitos do famoso *Corpus Juris*.

Neste ultimo repositorio do direito romano encontrou elle quatro defeitos principaes: *superfluitas* (repetições escusadas), *defectus* (falta de decisões importantes), *obscuritas* (passagens escuras, em rasão da ignorância em que estamos da lingua e da historia), *confusio* (confusão resultante da variedade de materias e de opiniões de jurisconsultos). — Ali encontrava Leibnitz, afóra as repetições, uma infinidade de disposições inuteis e já revogadas pelo tempo e pela historia, — uma série de fragmentos que mais quadram á litteratura e aos antiquarios, do que ao legislador, — discussões interminaveis dos jurisconsultos, — subtilezas e falta de methodo.

Em compensação, é admiravel o entusiasmo com que encarece as bellezas dessa legislação, que deixam inteiramente no escuro, e de todo fazem esquecer os defeitos apontados: — «Muitas vezes tenho dito, que, depois dos escriptos dos geometras, nada ha que possa comparar-se, em força e agudeza, com os escriptos dos jurisconsultos romanos: tão nervosos, tão profundos são estes escriptos!» — (7)

## AS LETRAS E OS LITTERATOS

### Considerações da actualidade

(Continuado de pag. 334)

Que a França, oppressa pela demasiada robustez da mão, embora protectora, do Cesar, procure debalde, entre a myriade dos talentos que pululam, os legitimos successores de Victor Hugo, de Lamartine e de Béranger, que tão deslumbrantemente iniciaram a epoca da liberdade politica no seu paiz, comprehende-se bem; porque é da indole do fulgor da litteratura ser reflexo do sol que allumia as instituições liberaes. Que na Hespanha a loura musa da litteratura se esquivae á

(6) Veja — *Manuel de Philosophie par Amédée Jacques, Jules Simon, Emile Saisset.*

(7) *Dixi sapius post scripta geometrarum nihil exstare quod vi ac subtilitate cum romanorum jurisconsultorum scriptis comparari possit: tantum nervi inest, tantum profunditatis, etc.*



praça publica, receiosa de macular no sangue dos fusilamentos, ou nos traços negros da censura previa a alvura da sua túnica, é natural também; porque a litteratura, como o mavioso rouxinol, só na liberdade sabe trinar seus cantos, emudecendo entre as grades, embora douradas, da prisão. Que a Italia, tão preocupada da sua regeneração social, que nem sempre tem sido immaculada dos baptismos de sangue, deslembre o candido culto das bellas letras, cousa é que se justifica também. Mas que Portugal, no pleno goso de vinte annos de paz octaviana, vendo crescer e medrar a prosperidade ao sol esplendido da liberdade a mais ampla, sinta tão notavel decadencia na sua litteratura, é que não tem justificação.

E, todavia, a imprensa aqui é liberrima, como liberrimas são todas as manifestações do pensamento; os horisontes não se enlutam com tenebrosas nuvens de perseguições fraticidas, nem a verde relva dos campos se macula com sangue e com os destroços das victimas da guerra.

Quando o systema liberal se plantou entre nós, abrigada á arvore da liberdade medrou a regeneração litteraria, e tres grandes vultos surgiram, quasi simultaneamente, no vergel das patrias letras — Garrett, Castilho, e Herculano. A subsequente geração apresentava ainda promettedores rebentões, que o tufão da politica tornou peccos antes de tempo. Hoje, n'esses notaveis engenhos, que são apenas o phantasma livido das suas individualidades de outr'ora, se acaso acontece ás vezes rastejarem ainda, em ferias de mais altas occupações, pelos campos da litteratura, encontram-se vestigios incontestaveis da passagem de um grande talento, mas desataviado das verduras singelas, das amenidades e louçanias, com que costumam enflorar-se os que praticam com as musas.

Na geração actual, depois que tres ou quatro vocações brilhantes appareceram, quasi inopinadamente na arena da publicidade, fazendo da litteratura doce recreio de horas vagas, ou conquistando por ella parcos recursos a troco de deslumbrante (e de futuro esterilizador) fecundidade, nem uma iniciação só, auspiciosa para as letras tem havido nestes ultimos annos, nos templos da litteratura patria.

É que a época dos sublimes visionarios, que aceitavam, em troco da sua missão de perdularios do talento, o martyrio da indigencia pecuniaria, vae passada; e nesta quadra de vistas muito mais positivas e ambiciosas, mal irá á litteratura se os seus cultores não virem, atravez dos deleitosos sacrificios do estudo, ao menos uma garantia de bem estar social, que anima o corpo e o espirito muito mais do que os futeis sonhos de uma gloria posthuma. Sem este incentivo, os litteratos darão baixa de posto, e, secularizados para as letras, jurarão bandeiras nas phalanges da politica, engulindo consigo as regorgitações do talento, ou irão satisfeitos e resignados sentar praça de amanuenses em qualquer secretaria de estado, onde a redacção de officios de expediente seja o grato deleite da sua musa... inspirada pela

dourado sonho do ordenado pago pontualmente no fim de cada mez!

C. B.

## UMA OBRA DO SEculo IX

(Continuado de pag. 250)

62. No seu tempo floresceu a Igreja e estendeu-se o reino. As cidades Bracarense, Portucalense, Ancensis, Eminensis, Vascensis, e Lamençense foram povoadas por christãos. Ficou victorioso em Coria e Ejitania, limites da Lusitania, e com a espada e a fome arrasou tudo desde Emerita até os confins do mar. Isto succedeu na era DCCCCXV. Abohalit Consul e Consiliario de Mahomet, Rei de Spania, foi preso em uma batalha nos confins da Gallecia, e entregue ao nosso Rei em Oveto. Apresentou-se depois com dois irmãos seus, filho e sobrinho, e deu ao Rei por seu resgate cem mil soldos de ouro.

63. Na mesma época e na Era DCCCDXVI, Almundar, filho do Rei Mahomat, com o general Ibenjamin e hostes de Serracenos, veio desde Cordova até Asturica e Legion. Mas outra hoste procedente de Toletto, Talamanca, Vathelbara, e outros castellos, e que comprehenderia cerca de tres milhões de homens, perseguida pelo exercito, foi vencido pelo nosso Principe no logar de Polboraria, perto do rio Urbico. O mesmo Almundar, intentando apoderar-se do castello de Sublancia, conheceu que ali se repetiria a derrota de Polboraria, visto que o nosso Rei o aguardava cauteloso com todo o seu exercito, no mesmo castello de Sublancia, para pelejar com elle, e conseguiu fugir antes de chegar o dia. Depois, governando Abubalit, houve paz por tres annos entre ambos os reis.

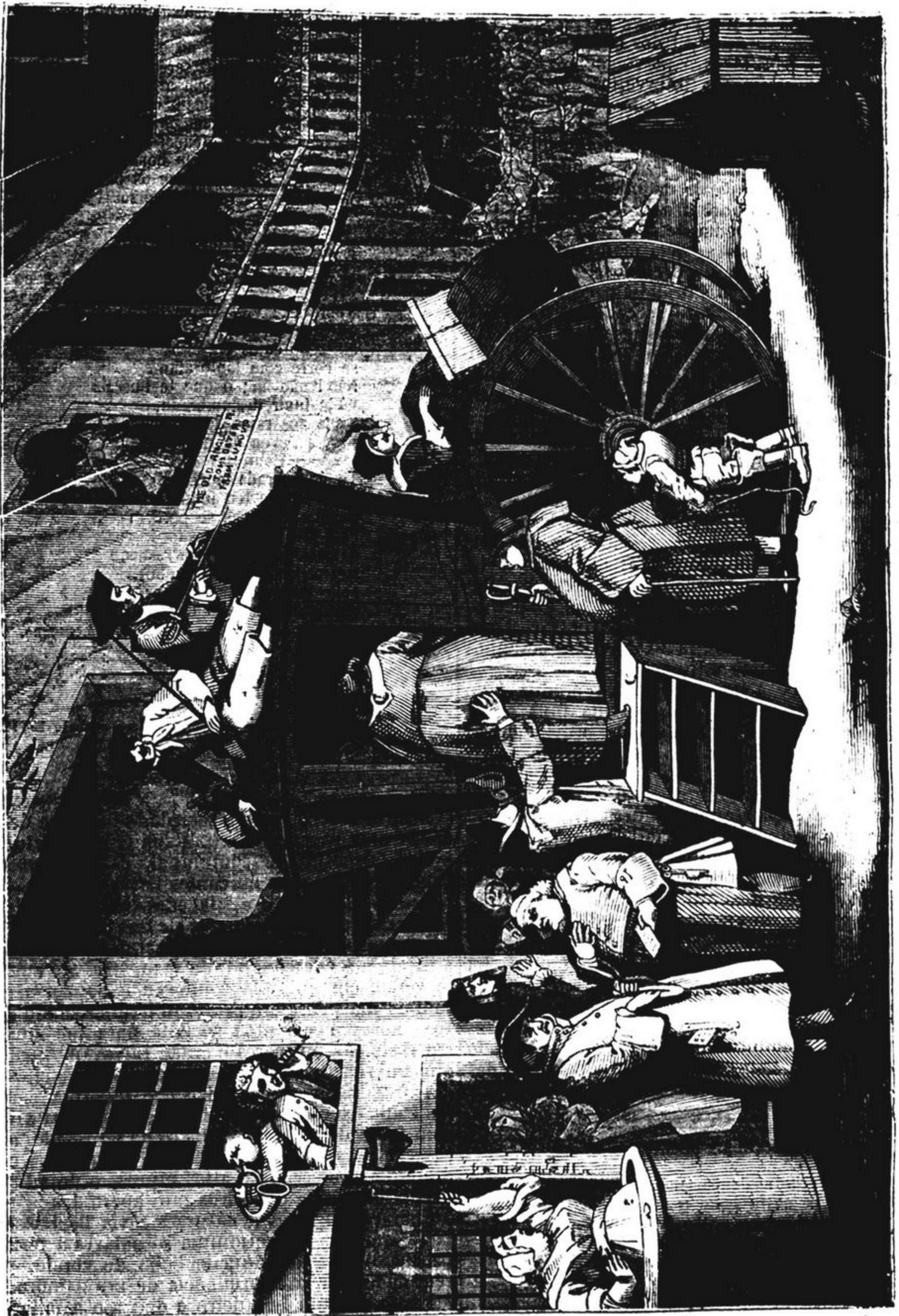
64. Continuando depois o nosso Rei a guerra com os Sarracenos, entrou em Spania na Era DCCCCXIX; e passando pela provincia da Luiztania, atravessou o rio Tejo, tomou na sua passagem o castello de Nepza, e a dez milhas Emerita, passou o rio Anaa, e chegou até o monte Oxifero, onde até então nenhum outro Principe ousára entrar. Ali triumphou com gloria dos inimigos, matando quize mil. Dali, o nosso Principe victorioso voltou a assentar-se no seu throno.

65. Todos os templos do Senhor são restaurados por este Principe, e na cidade de Oveto edificou um palacio. Era instruido nas sciencias, de alla estatura e de rosto agradavel. Submettido sempre ao Senhor, regeu piedoso o seu povo, e depois de um longo reinado, passou do reino da terra ao do céu.

66. Governando o referido Principe, e na Era DCCCCXX, o já citado Almundar, filho do Rei Mahomat, por ordem deste, e com um exercito de LXXX mil homens commandado pelo capitão Abubalit, partio de Cordova e dirigio-se a Cesar augusta, onde estava Zmael-Iben-Muza, seu inimigo. Cercou com a sua hoste a cidade e combateu-a por espaço de XXV dias, mas não alcançou victoria. Marchou dali contra o castello de Tutela, defendido por Fortunio-Iben-Muza, mas também não obteve vantagem.

(Continua)





O coche de viagem

Foi um pintor singular, e um tanto excentrico o grande *Hogarth*, ao pincel do qual é devido o quadro, de que a nossa estampa é copia fiel!

William Hogarth, celebre pintor inglez, nasceu em Londres nos fins do anno de 1697, e falleceu no dia 26 de outubro de 1764.



Sendo ainda muito moço entrou, como aprendiz, na officina de um gravador de metaes, e este lhe ensinou a gravar titulos para os livros das bibliothecas, para facturas de negociantes, e chapas de annuncios. Nos intervallos de descanso, foi-se Hogarth exercitando, com decidida paixão, no genero da caricatura, e chegou a ser pelo tempo adiante, o mais terrivel motejador dos ridiculos da vida domestica e da sociedade.

Em 1725 saiu Hogarth da obscuridade, desde que foi encarregado de gravar 17 chapas para a edição em 12 do poema de Hudibras por Butler. Estas chapas consistiam pela maior parte na representação burlesca de prelados, que ora manejavam a palavra, ora brandiam espadas, e occupavam estrondosamente as cadeiras da pregação. Se este trabalho não apresentou ainda Hogarth em toda a evidencia do seu talento singular, é certo que successivamente foi publicando outros, que chamaram sobre o seu genio a attenção geral e uma grande popularidade.

Se o desenho de Hogarth não é um primor de pureza, dizem comtudo os entendedores que este notavel pintor soube escolher o melhor lado do assumpto que tratava, reproduzindo-o com intelligencia. Foi mais feliz na pintura dos retratos burguezes e das classes infimas, do que na expressão dos delineamentos das classes elevadas; o que não admira, porque pertencia Hogarth ás fileiras dos populares, e com estes tivera por mais tempo relações e convivencia.—Compoz Hogarth umas 250 gravuras, varios desenhos e quadros de grande estimação.

O quadro que a nossa estampa reproduz é do genero da caricatura, e representa uma scena que se passa numa estalagem de provincia, na estrada real de Dover. A disposição da scena é muito bem ordenada, e o espectador vê perfeitamente todas as evoluções do drama comico, no qual sobresaem algumas figuras, traçadas com uma muito engraçada exaggeração, que ou vão subindo para o descommunal coche de viagem, ou estão aguardando a sua vez de subirem para elle. É muito curiosa a gordissima figura do gentleman que está á direita da entrada do coche, fingindo que não ouve um pobre corcundinha que lhe está pedindo a gorgeta. Do lado esquerdo ha um grupo, no qual pôz Hogarth as figuras de dois candidatos a deputados,—adivinhandose facilmente qual delles foi o feliz. Outras miudezas engraçadas, e admiravelmente reproduzidas pelo illustre artista, não escaparam á penetração das pessoas que virem a nossa estampa.

### ESTRELLAS BONANÇOSAS

Nunca viste medonha tempestade  
cobrir de negro lucto o firmamento,  
lutar-lhe todo o brilho, e num momento  
lançar-lhe sobre a face um denso véo?  
Nunca viste essas nuvens tenebrosas  
que a tormenta annunciam, carregadas,  
surgirem no horisonte, e dilatadas  
avancarem sinistras pelo céo?

Nunca viste depois, nuncia fagueira  
de bonança e de paz, propicia estrella  
surgir por entre as trevas viva e bella  
ostentando o seu limpido fulgor?  
e logo após, as nuvens dissiparem-se  
aos raios dessa luz de mago encanto,

e das trevas rasgar-se o negro manto  
deixando ver um céo encantador?

Já viste? pois tambem no céo da vida  
nem tudo é sempre luz serena e pura;  
ha nuvens que escurecem a ventura,  
ha tormentas que enluctam corações!  
Dentro d'alma se elevam muitas vezes  
tempestades terriveis, tenebrosas!  
Ai! de nós se as estrellas bonançosas  
não sorrissem tambem entre os baldões!

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

### NUM ALBUM

(em seguida a uma poesia que tem por titulo — Ventura! —

Ventura?! Pois ha na terra  
quem te alcance, soa bra vã,  
atraz de cujos encantos  
se corre com tanto afan?  
Não! não ha; o que te busca  
vé-te fugir deslumbrado,  
como aos raios do sol nado  
foge a nevoa da manhã.

Tu és dourada mentira;  
quão fatal é teu fulgor!  
quantas victimas se perdem  
com teu riso enganador!  
A quantos, quantos arrastas,  
fascinados por teus brilhos,  
pelos mais acerbos trilhos,  
lé aos abysmos da dor.

Coimbra.

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

### BEATRIZ

Scenas da vida intima dos Açores no século XVIII

(Continuado de pag. 337)

### XXII

Beatriz era no seio da sociedade insulana dessa época uma excepção rara. A sua grande fortuna, a sua formosura descommunal, os seus habitos românticos, os seus costumes livres, os seus sentimentos elevados e a sua educação não vulgar formavam della um ser á parte das outras senhoras do seu tempo, e que naturalmente acordava a inveja nos corações do seu sexo. Mas, até aquelle verão, em que ella conheceu o conde, a calumnia mais desaforada não tinha imaginado nas suas horas d'ocio uma só falta para lhe lançar em rosto. As mulheres d'então raivavam quando ouviam repetir o seu nome, que só respeitos e louvores inspirava. Era triste e dolorosa cousa para ellas ver respeitar Beatriz, que, para viver com fama de virtuosa e cheiro de santidade, não carecia de se enclausurar e de por ante si e o mundo a protecção de altos muros, e de adufas mysteriosas e de mosteiros mui apertados.

Com estrangeiros e naturaes vivia Beatriz em tacto familiar, sem que uma só palavra a ferisse na sua reputação. Aquelle beijo do conde, porém dado com a imprudencia de um namorado, foi visto por um barqueiro e deu aso a fallar-se em seu desabono. Até parece que n'aquelle mesmo dia se repetio na cidade a historia d'aquelle beijo, que para logo achou ecco por toda a parte, como se as mil trombetas da fama a divulgassem!

Muitas senhoras sorriam, por verem cair lanço a lanço a reputação da amiga. As mulheres



persignavam-se e diziam: Santo lenho da vera cruz, levar um beijo dum herege e dum herege de bigodes! O bigode era então para bastante gente um indicio de um espirito revolucionario. Algumas mais virtuosas e sinceras notavam: Quem sabe a verdade? Mente-se tanto! Nós as pobres mulheres somos, é verdade, tão frageis, mas tambem fazem-nos victimas da calumnia tantas vezes, que nem os nossos 80 annos nos livram de ruins tentações ou nos furtam ao poder das más linguas; e tomavam mão das contas, invocando a Virgem Santissima, para as tirar desses dois inimigos, resando como aquella velha do Camões do Rocio.

Esse beijo, que no coração do conde fez vibrar as suas cordas mais sensiveis e sonoras, foi em toda a ilha uma historia para longos comentarios nas palestras das tavernas, das boticas, das salas e dos conventos.

Os ginjas hypocritas moralisaram! as velhas horrorisaram-se! e as freiras maravilharam-se!

De que se maravilharam as freiras? perguntará o leitor. De que fosse um beijo só, que o conde desse em Beatriz: pois ellas que eram tão finas amantes, que discutiam com tantas subtilizas o amor, que o sentiam com tanta paixão, podiam deixar correr, sem se espantarem, a historia daquelle beijo! Milhares de beijos, dados com o ardor da paixão e com o delirio das suas sensações entendiam ellas, mas um só beijo... por um amante .....

### XXIII

O beijo do conde teve serios resultados, é que ás vezes pequenas causas produzem grandes effectos. Havia então em Ponta Delgada um cavalleiro, que se chamava Affonso Maldonado e que, de ha muito, cubicava a mão de Beatriz para o seu filho primogenito, Fernando Affonso Maldonado de Malafaia. O morgado esperava obter a mão de Beatriz, por que o seu filho era um Maldonado. Beatriz, porem, mostrara sempre repugnancia a esse casamento. Com tudo Affonso Maldonado julgou que chegara a occasião d'elle se effectuar e poz-se a caminho para as Furnas.

Mal lá chegou contou á prima as varias anedotas, que corriam na cidade, ácerca dos amores da filha. D. Ignez alvoroçou-se em extremo com essas noticias. O morgado, percebendo o effecto que produzira na morgada com aquellas historias, mostrou-lhe uma carta, em que o conde escrevia a um amigo que nas Furnas havia encontrado uma cabecinha excellente para fazer doudejar. D. Ignez altamente resentida por essa carta, disse ao primo:

—É mister deixar já as Furnas, minha filha carece estar longe desse homem.

—Porque minha prima? replicou o morgado, cujo projecto era levar D. Ignez a saír do valle quanto antes, asim de evitar qualquer explicação, mas que queria mostrar a maior indiferença por isso.

—Porque, respondeu a morgada, temo que em quanto ella aqui estiver não ouça a rasão.

—Mas agora, tornou o morgado, de que serve já saír daqui?

—De fazer casar Beatriz mais depressa; ella foi credula, mas não é douda e com a fortuna que tem não lhe hão de faltar maridos.

—Perdão, prima, eu não queria dizer que á

Beatriz faltariam maridos, e tanto não penso isso, que continuo a desejar a sua mão para meu filho, pois nem por sombras julgo a sua honra marcada.

—Queira desculpar, primo, tomei em má parte as suas palavras, cuidei que, com dizer que agora de nada servia saír já daqui, queria dar a entender isso.

D. Ignez era uma mulher altamente sensualista. O amor puro não o comprehendera ella já-mais, e, portanto, tinha para si que o casamento tanto se podia fazer com este como com aquelle homem, e, por isso, desejava ella bastante concluir o de Beatriz com D. Fernando Affonso, que devia ser riquissimo.

Os instinctos materiaes do interesse eram, pois, os que n'ella dominavam. Não queremos, com tudo, dizer que o amor de mãe lhe não fallasse ao coração, que é elle sentimento, que, ainda nas mais grosseiras organizações, impera com bastante força; mas esse sentimento nella transluzia atravez das idéas mais sensuaes. D. Ignez tinha para si que a maior fortuna da filha seria casar com Fernando Affonso, porque elle era rico, moço, gentil e bem nascido.

Para ella, portanto, a felicidade de Beatriz estava em casar com Maldonado, que lhe offerencia todas essas condições de um bom casamento. Que importava que elle a não amasse? Que ella tivesse o coração captivo por outro? Que o seu character se não harmonisasse com o de Beatriz? Que as suas aspirações a levassem a anhelar por outro com quem se enlaçasse por uma sympathia espontanea! Por ventura, para os caracteres como os de D. Ignez, não é o amor uma chimera, que se dissipa com o volver dos annos? Acaso comprehendem elles as pungentes angustias de um coração, cujos impulsos naturaes são contrariados e comprimidos?

Fernando Affonso Maldonado estava talhado para servir os desejos de D. Ignez, porque possuia uma dessas almas de lama, que antepõem o corpo á alma, a sensação ao sentimento e as mais nobres aspirações do espirito aos ardentes desejos da materia. Era um d'esses miseraveis, que á posse do coração de uma mulher preferem o corpo e fazem consistir o seu triumpho na satisfação dos desejos sensuaes. Que lhe importava, pois, que o coração da pobre menina se lhe fizesse em bocados, comprimido pela mais dolorosa violencia.

Poucos instantes depois dessa conversa entre D. Ignez e o morgado, Beatriz, mettia-se na cadeirinha, em que costumava ir para o banho e sua mãe noutra em que a seguia. Por uma combinação, entre D. Ignez e o morgado, fóra esse o meio determinado para a conduzir para fóra do valle, sem ella o saber. A primeira hora passou-a sem notar o tempo que gastava para chegar ao banho. Depois, porém, começou a ficar anciosa com a demora, até que percebeu que a levavam para mais longe e começou a soffrer uma anciedade intoleravel.

Toda a viagem passou assim. Ao chegar a L., perguntou a sua mãe, porque a enganara como uma creança. Esta respondeu diante dos Maldonados, de quem se não separava, porque temia perder a força de proseguir no seu plano.

—Os teus amores com o conde eram um escandalo, que devia acabar. Elle ria-se de ti, ser-



via-se da tua boa credulidade para te escarnecer como uma creança tola. Estava-te tornando o ludibrio de toda a gente.—

—Isso é impossível, minha mãe, replicou Beatriz.

—Enganas-te Beatriz. Olha que eu tenho provas.

—Não pôde ser. Tornou Beatriz.

—Promette-me casar com Fernando Affonso, que eu te mostro uma carta delle, que te ha de convencer.

—Prometto, disse Beatriz certa de que semelhante carta não existia.

D. Ignez mostrou-lhe a carta do conde.

Beatriz empallideceu e sentio prender-se-lhe a falla; o orgulho deu-lhe, comtudo, a força de sair para o seu quarto. Lá lançou se sobre o seu leito e encostou a fronte nas suas almofadas, que banhou com lagrimas.

Os dias que se seguiram apoz a terrivel desillusão, que Beatriz soffrera, correram para ella numa terrivel anciedade. Ella esperava sempre ver chegar o conde. Tinha de si para si que aquella carta se havia de explicar de algum modo. No meio, pois, da mais cruel afflicção transluziam-lhe sempre raios longinquos de esperança. Quando, porém, chegou o setimo dia, o da vespera do seu casamento, a sua dôr passou-a extremos. O orgulho desapareceu-lhe, é que, onde ha amor elle dissipa-se sempre, e lembrou-se de escrever ao conde a pedir-lhe uma explicação, antes de se prender nos laços indissolúveis do matrimonio; procurou, portanto um portador; porém, os Maldanados haviam já feito sair de casa todos os creados, que lhe podiam prestar o mais leve serviço.

Exasperada pelo soffrimento, tentou fugir de casa e tomar o caminho das Furnas, afim de alcançar uma explicação do conde; mas os Maldanados temendo-se dessa tentativa, haviam posto homens seus a todas as portas para velarem o thesouro que a fortuna lhes offerecia. Trajando, pois, de amozona passeara toda a manhã na casa, descendo de vez em quando para ver se encontrava uma porta sem creados. O desespero lia-se-lhe nas faces, o chicote que levava nas mãos fel-o pedaços, parando de instantes a instantes e batendo com elle sobre o parapeito do terraço, depois dali ter estado algum tempo, entregue a reflexões bem amargas. Finalmente, quando o sol se punha, dourando as ondas do oceano, fatigada de tanto andar, sentou-se no eirado, completamente prostrada pela agitação physica e moral, que a abalara. O seu espirito succumbio de todo o ponto.

No outro dia, depois de haver passado uma noite de insomnia, estava prestes para dar a mão de esposa a Maldonado. Uma consideração de vaidade feminina, ainda mal, não entrou por pouco nessa resolução. O Maldonado era bem parecido, devia possuir vinculos, superiores á fortuna do conde e tinha um nome illustre, e por isso, podia servir para lhe salvar o amor proprio offendido.

(Continúa)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

## COMMEMORAÇÃO

(20 de setembro)

Faz neste dia 72 annos que, numa pequena e obscura habitação, situada proximo á antiga igre-

ja de S. Camillo em Lisboa, se passava uma scena afflictiva e pungente.

Dentro dessa casa uma familia inteira luctava com os horrores da doença e da miseria. Batera-lhe ás portas o livido phantasma da epidemia, e espargira em volta do lar a consternação e a dôr.

Em quarto de mesquinha apparencia, e onde por toda a parte avultava a imagem da mais desoladora indigencia, jazia numa pobre enxerga um homem ainda pouco avançado na idade, mas em cuja fronte pallida e mirrada o infortúnio estampára o cunho d'uma velhice prematura.

No encovado dos olhos, no macerado da face e na expressão dolorosa daquelle rosto nobre e intelligente bem claro transparecia não só o soffrimento do corpo, mas, o que é talvez mil vezes mais crucciante, o fundo tormento d'alma!

A seu lado velava a afflicta esposa exausta já pela fadiga, pela vigilia, pela dôr, e, para cumulo d'infortunio, contaminada ainda pelo dedo implacavel da epidemia.

Para nada faltar de doloroso neste quadro sombrio, tambem ali perto gemiam no leito da dôr tres innocentes creancinhas, magras, pallidas e semi-nuas!

Basta. Não seremos nós que tentaremos penetrar mais no seio da angustia, profanar o sanctuario da dôr.

Descrever, uma por uma, as scenas pungentes desse drama intimo de martyrio e lagrimas, obra seria talvez para mão de mestre, mas não para a nossa penna humilde e insipiente.

É curto o desenlace. Esse enfermo agonisante era dentro em pouco um cadaver; a mulher que velava junto delle, e lhe orvalhava de prantos o leito da agonia, uma viuva sem amparo, pobre e inconsolavel; e os pequeninos que iniciavam a sua peregrinação sobre a terra pela senda escabrosa da miseria, orphãos sem pão nem outro arrimo mais que o seio da desolada mãe!

O resto que o ávalie quem tiver um coração para o sentir.

Quereis saber agora quem era esse martyr que, depois de ter supportado com admiravel heroismo o peso da desgraça, depois de ter tambem velado em quanto pode junto á cabeceira da esposa e tenros filhinhos, ali agonisava e morria quasi ao desamparo, e ainda no vigor dos annos?

Todos vós lhe conheceis o nome, porque elle constitue uma gloria nacional; esse homem era Francisco Dias Gomes, o sabio philologo e humanista, o distincto poeta, o elegante e correctissimo escriptor, o mais apurado e engenhoso critico da nossa terra!

Consumiu a sua existencia estudando e escrevendo; amontoando thesouros preciosos de litteratura e erudição; e teve por galardão durante a vida o exiguo rendimento d'uma pequena loja de mercearia, e na hora da morte o desamparo no amargurado leito da indigencia!

Eis as recompensas do mundo!

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.